

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

# O uso do termo sistema em Sociologia.

Fernando Coutinho Cotanda.

Cita:

Fernando Coutinho Cotanda (2009). *O uso do termo sistema em Sociologia. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1132>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# O uso do termo sistema em Sociologia

**Fernando Coutinho Cotanda**

*Programa de Pós-Graduação em Sociologia*

*Departamento de Sociologia*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

*cotanda@portoweb.com.br*

## **SISTEMA: o uso do termo em Sociologia**

Qualquer texto científico tem seu destino orientado para a comunicação. Etimologicamente comunicar significa partilhar, pôr em comum. No entanto, a comunicação, em termos de uma inteligibilidade comum entre aqueles que se comunicam, é um processo que não depende apenas do entendimento que o emissor possui sobre os termos que são enunciados. A comunicação também é aquilo que o receptor do enunciado entende. No campo científico a ausência de inteligibilidade comum entre aqueles que se comunicam tem seus afeitos negativos amplificados quando se trata de um termo que no contexto argumentativo possui status de conceito.

No presente artigo examinamos a multiplicidade de sentidos (polissemia) do termo *sistema* na sociologia, salientando que é impossível o entendimento compartilhado do termo se visto fora das orientações teóricas e epistemológicas daqueles que o empregam.

A palavra *sistema* (*systema*) remonta à antiguidade clássica<sup>1</sup> designando certa quantidade de elementos visto como um todo, partes diversas de um mesmo corpo, um conjunto. O uso atual e mais freqüente que fazemos do termo, nas Ciências Sociais, indica genericamente a existência de conexões e relações de interdependência entre as ocorrências sociais. Com esta conotação o termo começa ser empregado com o ingresso da Europa na Idade Moderna.

Seu uso se amplia na medida exata em que o *Ancient regime* e as estruturas normativas do cristianismo entram em declínio. As forças liberadas pela modernidade irão gradativamente tornando visíveis, a contingentes cada vez maiores de pessoas, a existência da trama de relações entre pessoas e instituições, estruturas subjacentes, nexos e conexões nas mais diferentes expressões da vida humana. Em meio ao florescimento do capitalismo, o olhar dos homens e das mulheres começa a atravessar a opacidade político-religiosa das sociedades tradicionais. A percepção da existência de relações, de nexos e de interdependências entre os objetos da realidade é a porta de entrada para o uso do termo sistema na modernidade.

As teorias ligadas ao racionalismo e ao empirismo veiculadas através de inúmeros pensadores como Francis Bacon, René Descarte, Thomas Hobbes, John Locke, Isaac Newton, dentre outros, valorizaram a busca de relações entre os objetos, inclusive como forma de mensurá-los.

Disciplinas como Biologia, Mecânica e Física irão cada vez mais formular objetos de estudo através de um enquadramento sistêmico da realidade, buscando nexos internos e relações de interdependência. Estas disciplinas, por sua vez, influenciarão a forma pela qual os pensadores sociais irão representar a vida social.

A difusão dos paradigmas da Física, da Mecânica e da Fisiologia produzirá um enorme impacto na forma pela qual se fará o enquadramento analítico da vida social. Figuras precursoras das Ciências Sociais como Saint-Simon (1760-1825), Augusto Comte (1798-1857), Herbert Spencer

---

<sup>1</sup> - O uso do termo sistema pode ser encontrado em pensadores como Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.); Platão (428 a.C. - 347 a.C.) e Hipócrates (460 a.C. - 377 a.C.).

(1820-1903), fizeram uso termo sistema para poder identificar as novas configurações da vida social proporcionadas pela modernidade<sup>2</sup>. A nova sociedade é tomada como uma totalidade orgânica, sistêmica.

“...A medida em que ela (a sociedade) cresce, suas partes tornam-se dessemelhantes, sua estrutura fica mais complicada e as partes dessemelhantes assumem funções também dessemelhantes. Essas funções não são somente diferentes: suas diferenças são unidas por via de relações que as tornam possíveis umas pelas outras. A assistência que mutuamente se prestam acarretam uma mútua dependência das partes. Finalmente, as partes, unidas por esse liame de dependência mútua, vivendo uma pela outra e uma para a outra, compõem um agregado constituído segundo o mesmo princípio geral de um organismo individual. A analogia de uma sociedade como um organismo torna-se, ainda, mais surpreendente quando se vê que todo o organismo de apreciável volume é uma sociedade...”  
(Spencer, 1977, pp.148, 149)

O *sistema* social, além de aberto à inteligibilidade racional estaria, assim como os organismos biológicos, sujeito a leis de funcionamento. A idéia de que é possível conhecer as causas e os efeitos dos fenômenos materiais da vida também seria estendida à sociedade. Supunha-se que isto possibilitaria aos homens governar e controlar os rumos da vida social.

Karl Marx (1818 – 1883), concebe a sociedade percebendo que os seus elementos constitutivos estão em estreito processo de interdependência formando uma totalidade e em cada uma das partes as características da totalidade se refletem. No prefácio de *Para a crítica da economia política*, Marx (1991, p.27) faz uso do termo ao tratar do “*sistema* da economia burguesa”, e no Manifesto Comunista, aludindo a turbulência da vida moderna:

---

<sup>2</sup> - Com a finalidade ilustrativa mencionamos as obras *Curso de filosofia positiva* (posteriormente, renomeada para *Sistema de filosofia positiva*, escrita por August Comte; *O sistema industrial*, escrita por Saint-Simon, e *System of synthetic philosophy*, escrita por Herbert Spencer. Todas elas fazendo uso do termo sistema.

*“Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes.”*  
(Marx e Engels, 1998, p.43) [Griffo nosso]

Para Marx, dimensões da vida social tais como a política, a estrutura normativa jurídica, a ideologia, as relações de produção e as forças produtivas estão inter-relacionadas e formam uma totalidade. Em cada um das partes desta totalidade se reflete o todo. Do ponto de vista teórico, o “ponto cardinal”<sup>3</sup> de um *sistema* social, a ser destacado, são as relações de produção e os sujeitos a ela associados, as classes sociais.

Vilfredo Pareto (1848-1923), sociólogo e economista italiano, por sua vez, talvez tenha sido um dos primeiros autores consagrados da Sociologia – na condição de disciplina institucionalizada - a trabalhar com a intenção de criar uma teoria dos *sistemas* sociais. Suas pretensões contribuíram para a criação de um novo significado para o termo, distinto da conotação ampla e genérica que possuía até então.

“...seja pequeno ou grande o número de elementos que consideremos, supomos que constituem um *sistema* que chamaremos de *sistema social*, e nos propomos a estudar suas propriedades.” (Pareto, 1967, p.79)

Em 1916 escreveu seu livro mais conhecido, *Tratado de sociología geral*, no qual estuda a natureza das relações entre a ação individual e a coletiva. Neste livro Pareto rejeita a relação de causa e efeito própria do positivismo, assumindo o ponto de vista segundo o qual os fenômenos sociais são inteligíveis a partir de múltiplos fatores explicativos, além de destacar a idéia de interdependência e reciprocidade dos fatores implicados na explicação sociológica.

“A forma da sociedade está determinada por todos os elementos que atuam sobre ela e, uma vez determinada, é ela quem atua sobre os

---

<sup>3</sup> - Trata-se de uma expressão utilizada por Friedrich Engels para apontar a relevância da dimensão econômica (não exclusiva de outras dimensões) na explicação dos fenômenos sociais. (Engels, 1985, pp. 284-286)

elementos; por conseguinte, se pode dizer que se produz uma mútua determinação.” (Pareto, 1967,p.77)

Na obra de Pareto, a noção de causalidade dá lugar à idéia de relações funcionais e os indivíduos na sociedade aparecem como “moléculas dos sistemas sociais”. (Pareto, 1967, p.88).

Vilfredo Pareto rejeita a idéia de leis de evolução lineares, afirmando que as sociedades vivem incessantes flutuações. Entretanto, as mudanças são sempre seguidas de um movimento em direção a um estado original.

“O estado real, estático ou dinâmico do sistema está determinado por suas condições. Suponhamos que, artificialmente se opere alguma modificação em sua forma [...] imediatamente se seguirá uma reação no sentido de conduzir a forma mutável ao seu estado primitivo. (Pareto, 1967, p.79)

Mas é na obra de Talcott Parsons (1902-1979), e mais recentemente na de Niklas Luhmann (1927–1998), que encontraremos uma sólida construção teórica em torno da idéia de *sistema*. Os dois autores, cada um a seu modo, farão uso do termo *sistema* para expressar uma “teoria”, a teoria dos sistemas sociais.<sup>4</sup>

Talcott Parsons empregou conceitos e postulados tomados diretamente dos trabalhos do criador da “Teoria Geral dos Sistemas”, Ludwig Von Bertalanffy, (1901- 1972) tais como: as *funções*

---

<sup>4</sup> - A idéia de uma “teoria dos sistemas sociais” recebeu a influencia da “Teoria Geral dos Sistemas”, formulada nos anos 50 do século XX pelo [biólogo Ludwig Von Bertalanffy](#). Originalmente ligada à biologia, afirma-se como uma teoria de caráter geral, de modo que pudesse ser aplicada a fenômenos complexos com ocorrência em diversos campos do conhecimento inclusive nas Ciências Humanas. A “Teoria Geral dos Sistemas” abrigava em seu horizonte a intenção de superar a compartimentalização do conhecimento, aplicando seus aportes analíticos a distintas disciplinas do conhecimento científico. As idéias do austríaco Ludwig von Bertalanffy, criador da Teoria Geral dos Sistemas, teve forte influência sobre obra de Talcott Parsons e Niklas Luhmann.

de controle e regulação, o intercâmbio de informações com o ambiente externo, a necessidade de um *centro de governo do sistema*, dentre outros.<sup>5</sup>

Talcott Parsons escolhe, no seu fazer sociológico, um caminho oposto ao da sociologia de inflexão empirista que figurava a época com forte presença nas universidades norte americanas<sup>6</sup>. Preocupou-se menos com a problematização de dimensões empíricas da realidade, direcionando sua energia intelectual para a elaboração de uma teoria marcadamente abstrata sobre o funcionamento da sociedade. O foco exclusivo na produção teórica levou muitos cientistas sociais a questionar se Parsons concebia a Sociologia como uma ciência empírica. Conforme Villalva “...a realidade que definitivamente interessa a Parsons não é a fenomênica, senão a estrutural: uma realidade profunda e ordenada, coerente com a ordem racional dos conceitos, e que recebe destes seu sentido.” (Giner, 2003, p.81).

A teoria dos *sistemas*, na obra de Parsons, além de extensa e possuir pretensões totalizantes, foi sendo alterada e complementada com o passar do tempo. O resultado é a existência de uma teoria cujo entendimento em sua integralidade requer esforço adicional por parte daquele que pretende compreendê-la.

No livro *The Social System* (1951) afirma que as bases do equilíbrio da sociedade descansam na interação contínua de quatro subsistemas: o *comportamental*, o da *personalidade*, o *social* e o *cultural*. Estes quatro subsistemas exerciam funções chave para o funcionamento da sociedade: função de adaptação, de realização de objetivos, de integração e de manutenção de padrões.

Diferenciando-se de Pareto, e retomando Emile Durkheim, Parsons postula que a ação dos sujeitos sociais não é orientada por “sentimentos”, uma vez que ela surge da socialização e dos modelos normativos de cultura. Para Parsons, as mudanças que ocorrem na sociedade e produzem alterações no seu equilíbrio serão, por força de reações, levadas novamente ao estado inicial a não ser que sejam portadoras de força suficiente para provocar uma mudança na estrutura do sistema. O equilíbrio é o estado preferencial do *sistema social*.

---

<sup>5</sup> Entre as principais obras de Talcott Parsons figuram: *Structure of Social Action* (1937); *Social System* (1952); *Structure and Process in Modern Societies* (1960); *Sociological Theory and Modern Society* (1968); *Politics and Social Structure* (1969); *Action, Theory and the Human Condition* (1978).

<sup>6</sup> - O empirismo quantificador na Sociologia anunciava-se como um caminho de reencontro com a tradição filosófica norte-americana, notadamente com a filosofia pragmatista.

O *estrutural-funcionalismo* de Parsons experimentou um declínio nos 1960, após um período de presença hegemônica na produção sociológica.

Niklas Luhmann, (1927- 1998) sociólogo alemão, é contemporaneamente o nome mais fortemente associado à teoria dos *sistemas*. As polêmicas com o pensamento de Habermas, e a criação de uma teoria renovada dos *sistemas* sociais garantem a este autor uma presença de destaque na sociologia contemporânea. Autor de um conjunto de obras que inovaram a sociologia sistêmica, a divulgação deste autor na América Latina está aquém da importância que ele adquiriu na Europa.

O programa de investigação de Luhmann consiste no intento de reformular a teoria dos *sistemas* sociais à luz do desenvolvimento alcançado pela teoria geral dos *sistemas*, incorporando contribuições de outros autores como Humberto Maturana, biólogo chileno, de quem Luhmann toma o conceito de *sistemas* autopoieticos.

A obra de Luhmann vale-se de numerosos conceitos<sup>7</sup> com os quais constrói seu arcabouço interpretativo da vida em sociedade. Destaca-se, sobretudo o uso que faz, no interior do pensamento sistêmico, dos conceitos de comunicação e de autopoiesis.

A comunicação é o dispositivo fundamental da dinâmica evolutiva dos *sistemas* sociais. Destina-se a produzir a eficácia simbólica generalizante que torna possível a regularização da vida social sob a forma de uma organização sistêmica e, ao mesmo tempo, cria condições de estabilidade favoráveis ao seu desenvolvimento. A comunicação, no interior do sistema, opera selecionando apenas uma quantidade limitada de informação disponível no exterior. O critério pelo qual a informação é selecionada e processada é o sentido (*Sinn*).

Para Niklas Luhmann um *sistema* é auto-referente na medida em que tem a capacidade de estabelecer relações consigo mesmo, e de diferenciar estas relações das relações com o entorno. Autopoiesis significa etimologicamente autocriação. Os sistemas autopoieticos se caracterizam pela “clausura operativa” (*operative Schließung*).

---

<sup>7</sup> - Dentre outros termos que adquirem expressão conceitual na sua obra destacamos: acoplamento estrutural, assimetrias, auto-referência, comunicação, complexidade, dimensões de sentido, evolução, expectativas, interação, interpenetração, meios de difusão, reflexão, sentido, sistema/entorno, sistema psíquico, tempo.

O enquadramento sociológico promovido por Luhmann propõe romper com as análises estruturais que tomam os elementos constitutivos da sociedade isoladamente. Estão em jogo as relações entre os elementos e as funções exercidas no conjunto comunicativo dos *sistemas*.

Conforme Luhmann, um *sistema* não existe de forma independente do entorno. As operações são internas mas existem várias formas de interdependência entre *sistema* e entorno. Os *sistemas* sociais geram e reproduzem a si mesmos.

Afirmar que a Sociologia tem como seu núcleo o estudo da “relação entre indivíduo e sociedade” soaria estranho para a teoria de Luhmann. De acordo com seu enfoque sistêmico da ação humana, as pessoas não são controladas por sistemas, pois são elas mesmo uma conexão, um acoplamento entre sistemas sociais e sistemas psíquicos. O sentido da ação, entretanto, é anterior ao sujeito, é sistêmico, já que é originado por sua adaptação funcional, e não pelos sujeitos que a realizam.

Até aqui referimos de forma breve que Vilfredo Pareto, Talcott Parsons e Niklas Luhmann, cada um a seu modo, incorporaram a idéia de *sistema* visando construir uma teoria sociológica que permitisse um enquadramento amplo do funcionamento da sociedade. Entretanto, para a maior parte dos autores contemporâneos em Sociologia o uso do termo sistema é realizado de forma distinta. De forma geral os autores fazem uso do termo *sistema* apenas como forma de abrigar a idéia de complexidade das sociedades modernas e a presença de relações de interdependência e de influência recíproca entre elementos constitutivos da vida em sociedade.

Para Raymond Boudon e François Bouricaud “ a noção de sistema deriva de uma observação simples, a saber, que, tanto no mundo físico como no mundo vivo ou no mundo social, é possível identificar conjunto de elementos interdependentes” (Boudon; Bouricaud, 1993,p. 509)

Em seu livro intitulado de “A Constituição da Sociedade”, Anthony Giddens, da mesma forma que Boudon e Bouricaud, confere ao termo “*sistema*” contornos limitados, comparativamente ao uso feito por autores como Parsons e Luhmann. *Sistema* é para Giddens “A padronização de relações sociais ao longo do tempo-espço, entendidas como práticas reproduzidas [...] que apresentam e raramente têm o tipo de unidade interna encontrada em sistemas físicos e biológicos.” (Giddens, 1989, p.305)

O fato de que a maior parte dos autores consagrados em sociologia, excetuando Parsons e Luhmann, tomem o termo sistema na sua acepção ampla e genérica, não nos deve fazer crer o termo *sistema* terá significado idêntico para os demais.

Se a orientação teórica e epistemológica de uma dada corrente sociológica apresenta uma inflexão objetivista (buscando estabelecer regularidades objetivas independentes das consciências e das vontades individuais) o significado do termo *sistema* serão distintos daquela que fará um enquadramento subjetivista (buscando dar primazia ao ponto de vista dos agentes) da realidade. Assim, o tratamento e a solução conferida as antinomias usuais da sociologia (material/ideal; coletivo/individual; objetivo/subjetivo, dentre outras) em uma dada teoria, concorre para o entendimento dos significados, explícitos ou não, assumidos pelo termo *sistema*.

*Sistemas* não pertencem à ordem natural do funcionamento das coisas, não os encontraremos na natureza ou nas relações sociais. Portanto, é impossível compreender seu alcance e implicações fora das orientações teóricas e epistemológicas daqueles que empregam o termo. O termo *sistema* ou está associado a uma teoria sistêmica da sociedade ou necessita ser apreendido à luz das teorias que o suportam.

Pierre Bourdieu, (1930 - 2002) por exemplo, embora, faça uso do termo *sistema* discorda da idéia de que exista uma estrutura (sistema) dotada de dinâmica própria que atuaria segundo leis e padrões universais a serem apreendidos pela pesquisa sociológica. A “explicação sociológica” de Bourdieu embora apreenda a existência de um *espaço social estruturado*, procura evidenciar que esta estrutura e sua dinâmica são definidas pelas posições e relações contingentes que ocorrem em um contexto relacional específico. Neste sentido há o abandono do objetivo de busca de “leis gerais” de funcionamento da vida social.

Norbert Elias, (1897- 1990) por sua vez, prefere deliberadamente não fazer uso do termo *sistema*. Inicialmente manifesta seu posicionamento crítico em relação a vários postulados da teoria de Parsons e dos demais formuladores da teoria dos sistemas. A idéia de a mudança social ser tomada como sinônimo de desordem, por exemplo, é vista da seguinte forma por Elias:

“...teóricos da sociologia, como por exemplo Talcott Parsons, consideram a estabilidade e a imutabilidade como características

normais de um sistema social, e a mudança apenas como consequência de perturbações do estado normal de equilíbrio das sociedades”. (Elias, 2005, p.125)

Mas sua mais veemente discordância quanto ao uso do termo *sistema*, está associada ao emprego pouco crítico que fazemos dos “instrumentos de comunicação e de pensamento” que estão, segundo ele, associados a estruturas tradicionais de pensamento e linguagem.

Norbert Elias toma emprestada a idéia de Benjamin Lee Whorf (1956), de que, sem percebermos criamos distinções impróprias tais como entre objetos e relações.

“...a nossa língua obriga-nos a falar e a pensar como se todos os <<objetos>> de pensamento – incluindo as pessoas fossem na realidade estáticos. Também os considera como não estando implicados em relações.” (Elias, 2005, p.123)

Com alguma ironia afirma que “A complexidade de muitas teorias sociológicas deve-se não a complexidade do campo de investigação que elas procuram investigar mas do tipo de conceitos usados.” (Elias, 2005, p.121).

A crítica de Norbert Elias ao uso do termo *sistema* dá-se em meio à sua intenção de chamar a atenção para “a necessidade de novos meios de falar e de pensar”. (Elias, 2005, p. 120). O autor chama a atenção para a existência de uma assimetria entre os recursos de linguagem que dispomos na Sociologia e a complexidade da realidade e das tarefas exigidas.

“...encontramos muitos termos que transmitem a idéias de referência a objetos isolados e parados; mas se examinarmos mais minuciosamente veremos que se referem a pessoas que estão ou estiveram constantemente em movimento e que se relacionam constantemente com outras pessoas. “Pensemos em conceitos como norma e valor, estrutura e função, classe social e **sistema social**. O próprio conceito de sociedade tem

características de objeto isolado em estado de repouso, assim como o conceito de natureza. O mesmo acontece com o conceito de indivíduo. Em consequência, tendemos sempre a fazer distinções conceptuais sem sentido, tais como <<indivíduo a sociedade>>, o que nos leva a pensar que <<o indivíduo>> e a <<sociedade>> são coisas separadas como mesas e cadeiras ou tachos e panelas.” (Elias, 2005, p.123 – Grifo Nosso)

Elias propõe substituir a noção de *sistema* pela de *configuração*: “ela não evoca a idéia de uma entidade completamente fechada sobre si mesma ou dotada de uma harmonia imanente.” (Elias, 2001, p.155)

No presente texto, propomos uma reflexão em torno do termo “*sistema*”, de uso freqüente na Sociologia, com presença polissêmica. Os argumentos desenvolvidos não pretenderam propor nenhuma inovação conceitual, buscamos apenas tornar evidente que os significados do termo, sobretudo aqueles que vão além de sua acepção genérica, não poderão ser entendidos fora da orientação teórica e epistemológica daqueles que o empregam.

## Bibliografía

- BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes;1975.
- BIRNBAUM, P.;CHAZEL, F. **Teoria sociológica**. São Paulo: Hucitec, 1977.
- BOUDON, Raymond; BOURICARD, François. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ática, 1993
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005
- ELIAS, Norbert, **Sociedade de corte**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001.
- ENGELS, Friedrich. “Carta à Ernest Bloch de 21 de setembro de 1890”, In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**, Vol. 3 São Paulo, Alfa Omega, 1985.
- GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- GINER, Salvador. (Coord.). **Teoria sociológica moderna**. Barcelona: Ariel, 2003.
- LUHMANN, Niklas. **Sistemas sociais**. Lineamentos para uma teoria general. Barcelona: Anthropos Editorial Del Hombre, 1998.
- LUHMANN, Niklas. **Introducción a la teoría de sistemas**. México: Editorial Antropos, 1996.
- LUHMANN, Niklas. **La sociedad de la sociedad**. Barcelona: Editorial Herder, 2007
- MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **Manifiesto comunista**. São Paulo, 1998.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural,1991.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francis. **De maquinas y seres vivos. Autopoésis: La organización de lo vivo**. Santiago do Chile: Editorial Universitária, 1995.
- PARSONS, Talcott. **The social system**. Glencoe, Ill: Free Press, 1951.
- PARETO, Vilfredo. **Forma y equilibrio sociales**. Madrid: Ediciones de la Revista de Occidente, 1967.
- SPENCER, H. Príncipes de Sociologie In: BIRNBAUM, P.;CHAZEL, F. **Teoria sociológica**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1977.
- WHORF, Benjamin Lee. **Language thought and reality**. Cambridge: MIT Press, 1956.